



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

***UM ESTUDO CONTEXTUALIZADO SOBRE A INDISCIPLINA
ESCOLAR NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE***

MÁRIO JÚNIO DE OLIVEIRA

Natal / RN

2017

MÁRIO JÚNIO DE OLIVEIRA

***UM ESTUDO CONTEXTUALIZADO SOBRE A INDISCIPLINA
ESCOLAR NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE***

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade relato de experiência, apresentado ao Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia.

Professor Orientador: Prof. Dr. Adir Luiz Ferreira

NATAL/ RN

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

MÁRIO JÚNIO DE OLIVEIRA

***UM ESTUDO CONTEXTUALIZADO SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR NA
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE***

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção da conclusão em Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a Ms. GISELE ROGÉRIA PENATIERI

Prof^a Ms. MARIA PATRÍCIA COSTA DE OLIVEIRA

Prof. Dr. ADIR LUIZ FERREIRA
Orientador

NATAL/ RN
JUNHO DE 2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir chegar a esse momento de conclusão de uma etapa tão importante da minha formação pessoal e profissional.

Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Adir Luiz Ferreira por aceitar contribuir com a construção desse trabalho e apesar da correria me instruir de maneira tão sábia.

Aos colegas de curso e de estágio, bem como à instituição que atuou como campo empírico para realização deste trabalho (professores, alunos, direção) por toda contribuição acadêmica e pessoal, muito obrigado!

E agradeço de maneira especial à minha noiva Lillian, familiares e colegas por me apoiarem e me incentivarem constantemente a não desistir e chegar a este momento, que é apenas um de tantos outros que a vida nos reserva. Vocês me inspiram força para prosseguir firme na caminhada.

No mais, as palavras são breves, mas o sentimento de gratidão e felicidade é imenso.

A todos, meu mais sincero, obrigado!

UM ESTUDO CONTEXTUALIZADO SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

RESUMO

Um grande desafio na atualidade, não só brasileira como mundial, tem sido a compreensão acerca da indisciplina em sala de aula e na escola. A indisciplina escolar é, normalmente, conceituada como um comportamento capaz de alterar um processo pedagógico definido, podendo ser motivado por várias causas, desde condicionantes sociais, a familiares, psicológicos e decorrentes da própria estrutura escolar. Dessa forma, se constitui como objetivo geral deste estudo caracterizar o problema da indisciplina escolar identificada entre alunos de uma turma de ensino fundamental de escola da rede pública, do município de São José de Mipibu/RN. Para tanto, foi realizado trabalho observacional na referida escola, em uma turma de 3º ano, na qual se identificou o comportamento de alguns alunos, relatado pela professora como indisciplinados e interferentes no processo educativo. A partir do levantamento da hipótese de que a ausência dos pais seria uma possível causa, se elaborou uma intervenção educativa com os mesmos, a fim de reforçar seu papel na formação das crianças e da necessidade de sua presença. Foi realizado um dia de atividades lúdicas com pais e professora, acerca dessas questões e obtidas categorias de análises; na semana seguinte se observou os resultados que as oficinas apresentaram na turma. Perguntas foram levantadas e respondidas na semana anterior à atividade com os pais e na semana posterior. Observou-se que a frequência dos pais na escola subiu de 27% para 73% (mensal); a participação dos alunos em sala evoluiu de, em média, 2 por dia para 5; o número de vezes que, em média, a turma era chamada a atenção por aula caiu de 8 para 4; e as respostas classificadas pela professora como negativas (comportamentos e grosserias) apresentaram uma queda de 5 por aula para 1. Esses dados, ainda que analisados por um curto período, refletem um resultado positivo da atividade realizada, fomentando a importância do debate acerca do assunto e de ações efetivas como forma de intervenção.

Palavras-Chave: Indisciplina escolar. Ensino Fundamental. Trabalho docente.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	11
2.1 PERCURSO TEÓRICO.....	11
2.1.1 Compreensão histórico-cultural do termo indisciplina.....	11
2.1.2 Indisciplina e violência no Ensino Fundamental: espectros condicionantes da desorganização do trabalho docente.....	15
2.2 CAMINHOS DA PESQUISA.....	20
2.2.1 A escola no contexto do processo.....	20
2.2.2 O vínculo com a escola.....	21
2.2.3 Organização funcional do ambiente escolar.....	22
2.2.4 A participação da equipe envolvida.....	22
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Um grande desafio na atualidade, não só brasileira como mundial, tem sido a compreensão acerca da indisciplina em sala de aula e na escola, seja ela pública ou particular. O ambiente se modifica, porém os atores e suas atuações se assemelham (VASCONCELLOS, 1997). A indisciplina escolar, no seu conceito mais amplo de “comportamento interferente do processo pedagógico em sala de aula”, tem ganhado cada vez mais espaço na realidade do Brasil, sendo, por vezes, confundida com a realidade da violência escolar (GARCIA, 2006).

O termo indisciplina pode ser abordado segundo vários aspectos e na sua gênese não apresenta uma causa específica para o seu surgimento, uma vez que se trata de um problema de origem multifatorial e de plurissignificação. De um modo geral, suas causas podem ser divididas em dois grupos: um relacionado às chamadas causas internas, entre as quais, condições materiais nas quais ocorrem o processo ensino-aprendizagem, relacionamentos interpessoais, ambiente escolar, perfil do aluno e a relação professor-aluno. Já entre as causas externas, se destacam o ambiente familiar, a violência social do meio e influência dos meios de comunicação. Pode-se dizer que há uma interação tão grande entre esses grupos que se torna difícil pensar a indisciplina escolar em detrimento de uma única causa ou agente (GARCIA, 1999, p. 104).

Apesar de, em alguns casos, a indisciplina e a violência andarem próximas, é importante diferenciar o papel de cada uma no processo pedagógico. No Brasil a realidade da violência escolar também cresce vertiginosamente. Os noticiários, frequentemente, têm apresentado casos de violência física e moral, tanto entre alunos, como entre esses e a equipe docente. E uma grande questão a que se chega é: quais são as causas de tamanha “distorção” de valores e “excessiva” agressividade/inquietude entre os jovens alunos? Alguns autores associam a causa do problema diretamente a condicionantes sociais, neste contexto destacam que a exclusão social, a desestabilização econômica local, as condições de saúde, de educação e emprego, bem como a fragilização dos vínculos familiares, a mudança nos valores e estrutura das famílias são fatores

intimamente associados ao comportamento do indivíduo, especialmente sendo ele criança e adolescente (GEQUELIN; CARVALHO, 2007).

Nesse sentido, Stelko-Pereira e Williams (2010), destacam em seu trabalho, que também é difícil conceituar/significar o termo, uma vez que também se trata de um problema com diversas causas possíveis, além do comportamento individualizado e alheio do aluno, questões referentes à contribuição social e à participação familiar podem ser destacadas.

Segundo Abramovay (2005), p. 53:

Apresentar um conceito de violência requer certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais.

Dessa forma, tratar da violência no âmbito escolar requer um olhar ainda mais atento e humano no sentido de observação das estruturas sociais que permeiam o ambiente pedagógico-pessoal do aluno. Ao tratar, porém, da indisciplina uma reflexão inicial do conceito de “disciplina” se faz necessária.

De acordo com Carvalho (1996), o termo “disciplina” é trazido nos dicionários, em sua maior parte, associado ao ambiente escolar, estando entre os conceitos: instrução e direção dada por um mestre ao seu discípulo; imposição de autoridade, de método, de regras ou preceitos; respeito à autoridade; observância de método, regras ou preceitos. Sendo este conceito de disciplina como “conjunto de prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem” o mais comumente destacado pelos professores e associado à indisciplina.

Originalmente, disciplina se associa a uma ideia de caminho a ser traçado ao longo da rotina acadêmica e de comprometimento que deve existir entre os agentes escolares.

Portanto, disciplina está, intimamente, ligada a capacidade de ter controle sobre si mesmo, de forma a ajustar a conduta individual às atividades e trabalhos coletivos, promovendo a convivência na vida escolar. E em momento algum, deve referir-se a um poder de autoridade, que promove um sistema de castigos ou sanções que são aplicadas àqueles que não desenvolvem as atividades

escolares em silêncio, ou seja, são punidos por sua conduta negativa. (SGANZELLA, 2012)

Logo, conhecendo um pouco a respeito do conceito de violência e de disciplina, é então possível tratar de maneira mais consciente a temática da indisciplina, especialmente sob a ótica pedagógica. Assim, o conceito mais amplamente difundido de indisciplina associada ao meio acadêmico, geralmente, se relaciona à ideia de alteração de uma rotina pedagógica pré-estabelecida.

Nesse contexto, ao tratar da indisciplina é importante destacar a fala de Morales (1999), o qual destaca que o aluno indisciplinado é justamente aquele que não desenvolveu a autodisciplina, que não tem consciência dos efeitos do seu comportamento para o seu aprendizado, que não consegue discernir o certo do errado, que não respeita os princípios da democracia em um ambiente social e que, em consequência disso, acaba agindo de forma irresponsável, atrapalhando o andamento das aulas com atos de desrespeito, vandalismo e agressão (MORALES, 1999).

O problema da indisciplina se constitui como um obstáculo no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que prejudica a prática docente e o próprio aproveitamento dos conhecimentos ministrados. Trata-se de uma questão que tem causado grande preocupação entre os educadores e tem mobilizado toda a comunidade escolar, hoje se tornando um foco de debate nas reuniões entre pais e mestres, conselhos de classes e demais instituições (BARBOSA, 2009).

Apesar de alguns autores apontarem o meio social como um dos principais agentes influenciadores das ações dos alunos em sala de aula, muitas questões acerca das motivações são levantadas e trazidas em trabalhos como o de Barbosa (2009), que traz questionamentos acerca da relação entre indisciplina e faixa etária, entre a possibilidade de diferenças de comportamento quanto ao gênero, qual seria a real associação dessas reações com o perfil socioeconômico da localidade, se haveria influência das mudanças nos perfis familiares no que se refere à educação dos filhos; além dessas questões o autor coloca ainda indagações acerca da possibilidade do aluno indisciplinado estar demonstrando alguma espécie de reação ao currículo desenvolvido na escola, a didática desenvolvida pelo professor. Enfim, muitas colocações são postas pelo autor sob

observação, com destaque para sua indagação acerca da própria compreensão do verdadeiro significado de indisciplina.

Diante do exposto, a fim de melhor compreender de que forma se constrói, como atuam os envolvidos e possíveis soluções para a questão, se constitui como objetivo geral deste estudo caracterizar o problema da indisciplina identificada entre alunos de uma turma de ensino fundamental de escola da rede pública, do município de São José de Mipibu/RN, bem como propor possíveis formas de compreendê-la em seus efeitos sociais e pedagógicos, baseando-se na questão da afetividade. A partir dessas questões gerais, assim como das referências e definições sobre a indisciplina escolar, define-se o objetivo para esse estudo, como segue:

OBJETIVO GERAL

Caracterizar o problema da indisciplina identificado entre alunos de uma turma de ensino fundamental de escola da rede pública, do município de São José de Mipibu/RN, bem como propor possíveis formas de intervenção, baseando-se na questão da afetividade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o problema da indisciplina identificado em turma de ensino fundamental de escola da rede pública do município de São José de Mipibu (RN);
- Discutir acerca da metodologia de abordagem da indisciplina escolar da turma em análise;
- Identificar possíveis resultados advindos da metodologia utilizada;
- Apontar algumas possibilidades de compreensão e intervenção, no sentido pedagógico, sobre as formas de indisciplina, tendo a afetividade como base.

Com esses objetivos em mente, pretende-se com esse trabalho ampliar a compreensão sobre a indisciplina escolar. Como campo empírico de pesquisa, investigou-se esse fenômeno na Escola Maria Mirtes, no bairro central do município de São José de Mipibu-RN, no final de 2013.

2. PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 PERCURSO TEÓRICO

2.1.1 Compreensão histórico-cultural do termo indisciplina

Conforme discutido por outros autores e reforçado por Ferreira (2004) o conceito de disciplina se refere a uma ordem estabelecida a fim de manter o funcionamento regular de determinada organização, nesse sentido, Naiff (2009) destaca que a indisciplina se associa a qualquer comportamento que desobedeça e/ou vá de encontro à ordem estabelecida. As escolas, assim como a sociedade de uma maneira geral, se utilizam da disciplina a fim de manter uma ordem pedagógico-social facilitadora de relações.

A escola, enquanto um sistema aberto, caracterizado pela pluralização de seus personagens e cenário, não pode ser compreendida como um ambiente externo ao meio que a circunda. Contrariamente, essa instituição sofre influência direta das condições socioeconômicas e ambientais, sendo, por vezes, um reflexo dos conflitos e da própria violência da comunidade externa. Diante disso, alguns trabalhos destacam o quão forte pode ser a influência desses aspectos sob os alunos em sala de aula, podendo gerar intensos desequilíbrios na vida escolar. Não somente os fatores externos podem influenciar esse comportamento de indisciplina, como a própria estrutura do processo educacional, seja a estrutura física, de pessoal incapacitado, turmas superlotadas, maiorias advindas de contextos sociais economicamente degradados e minorias étnicas, são aspectos que também devem ser observados ao se tratar das possíveis causas da indisciplina em determinados ambientes (ESTRELA, 1992; JORGE E TIGRE, 2007).

Dessa forma, tem havido uma maior associação, por parte dos professores, entre o termo indisciplina e o comportamento dos alunos em sala de aula, estando, geralmente, ligado a atitudes classificadas como “inadequadas” para o ambiente escolar. Esse conceito é fonte de grandes debates no meio científico, uma vez que, muito se discute acerca da verdadeira compreensão de conceitos

como: violência, agressividade, vandalismo, indisciplina e ainda o próprio termo indisciplina escolar (BRITTO, 2013).

Segundo alguns estudos os professores destacam como causas da indisciplina escolar a influência da estrutura familiar e da situação econômica da sociedade, sendo ressaltado ainda por alguns autores que as famílias cada vez mais têm passado a responsabilidade da educação dos filhos à escola. Tais aspectos associados a um ambiente social julgado como “inadequado”, traz aos professores a visão de que os alunos não terão bons resultados, pois estão inseridos em uma realidade social que inviabiliza esse avanço, seja por não permitir uma estrutura psicológica adequada ao aluno, seja por não dar condições financeiras/materiais para um bom aproveitamento do conteúdo. Os professores que trabalham com esse tipo de pensamento somente enxergam no aluno a causa do problema, sem analisar as possíveis variáveis internas ao ambiente escolar que poderiam estar associadas, à própria atitude do docente com relação às metodologias de aula, a estrutura organizacional da escola, à estrutura física, entre outros aspectos já comentados anteriormente (LONGAREZI, 2001; PAPPA, 2004).

De acordo com Olivera (2002) *apud* Britto (2013):

(...) ao mesmo tempo em que os professores apontam a necessidade de a escola introduzir, no seu cotidiano, hábitos inovadores para minorar o problema da indisciplina, nenhuma referência é feita, por eles, à ação de repensar a prática tradicional da escola, com sua organização e funcionamento, conteúdos programáticos, metodologia de ensino, postura do professor enquanto autoridade em sala de aula, entre outros aspectos. (BRITTO, 2013).

Na literatura se nota o quanto essa percepção por parte dos professores causa problemas de relacionamento e implicações negativas no processo de aprendizagem. Para muitos docentes, o aluno considerado “bom” é sempre associado àquele que apresenta uma boa estrutura familiar e características pessoais relacionadas à higiene, gentileza, sendo associado aos termos “dedicado”, “atencioso”, “esforçado”, “inteligente”, entre outras abordagens. Já o “mal” aluno também apresenta designações bem peculiares, uma vez que é visto como “indisciplinado”, “preguiçoso”, “desinquieto”, “desinteressado”, “rebelde”.

Logo, se percebe que há a criação de ideal de um aluno e de aluno problemático entre os professores, gerando um pré-conceito que pode interferir positivamente ou não na relação de aprendizado com os estudantes. A manifestação dessas crenças acaba fazendo recair sobre os alunos a responsabilidade pelo seu mau desempenho e comportamento na escola (LUCIANO, 2006; BRITTO, 2013).

Apesar de, constantemente, se falar na criação de projetos de escolas modernas, com diretrizes e embasamentos que visam cada vez mais a acessibilidade no processo educacional, o que se percebe é que ainda há um enraizamento de questões antigas, onde ainda é possível observar uma ligação forte com estruturas acadêmicas do passado, nas quais a visão torpe de que turma boa é turma homogênea, silenciosa e respondente, distorce a construção de pluralização, individualidade e questionamento (LOBATO, 2006; PAPPA, 2004).

A indisciplina surge como uma problemática para a educação, uma vez que interfere sobremaneira no processo de aprendizagem de crianças e jovens e pode causar danos negativos que serão levados até a vida adulta. Trata-se de uma questão que afeta também, intensamente, os professores e pode influir negativamente na sua qualidade de vida e qualidade de trabalho, mais um aspecto que deve ser considerado ao se analisar suas vertentes e mais um aspecto que pode estar entre as causas do comportamento dos alunos, uma vez que o professor que, por vezes, atua em instituições diferentes, também pode levar problemas de uma localidade para outra, estimulando em alunos diferentes reações negativas e criando, então, um ciclo vicioso (SANTOS, ROSSO, 2012).

Ampliando essa discussão Golba (2009, p. 9836) destaca que tratar a indisciplina como um conceito estático é incoerente, pois não se trata de um tema estático, uniforme ou universal. Trata-se de uma problemática que se relaciona a diferentes valores e expectativas, que se modificam de acordo com o contexto em que se inserem.

Entre os aspectos já destacados como possíveis causas externas (relativas ao meio social) da indisciplina, é importante ressaltar também as conjunturas referentes ao próprio processo pedagógico, no qual se inserem o professor e o aluno. O professor nas suas características particulares e na prática didática pode

ou não desenvolver um trabalho que seja verdadeiramente atrativo ao corpo discente. Esse fator pode afastar o aluno e estimular no mesmo um comportamento de transgressão da ordem, ou mesmo no intuito de chamar a atenção dos que estão ao seu redor por não se sentir completamente envolvido pelo processo didático lhe apresentado (NAIFF, 2009).

Estrela (1992) ao tratar do papel do professor enquanto responsável pela indisciplina, destaca que ambos, professores e alunos, atribuem diferentes significados aos eventos da aula, elaborando constantes processos de respostas e negociações acerca do comportamento. Nesse sentido, de acordo com a autora, a indisciplina resulta de estratégias de resposta do aluno a situações que apresentam compreensão distinta da criada pelo professor. Nesse processo de trocas, cada qual atua com as ferramentas que dispõe; se o professor se utiliza do seu sistema de punições e gratificações, o aluno também, ao seu modo. Agindo também através de punições aos professores que apresentam comportamentos torpes, e com gratificação aos professores que impõem uma personalidade amistosa e colaborativa.

Garcia (1999) destaca também o importante papel dos meios de comunicação enquanto influenciadores e, até mesmo, constituinte das causas de alguns comportamentos tidos como promotores de indisciplina em sala de aula.

Outra característica interessante quanto ao perfil sociodemográfico sob o qual mais prevalece a indisciplina escolar é trazida por Estrela (1992), a autora apresenta em sua obra resultados de pesquisas anteriores de sua vida acadêmica, nas quais ela observou que, entre os horários críticos para movimentos de contestação, permeavam entre as 10h30 e as 12h30 e, à tarde, entre as 15h30 e 17h30. Em estudos com turmas de sétimo e nono anos ela identificou que as representações dos alunos do sétimo ano se organizavam em torno de comportamentos que perturbavam o desenvolvimento da aula, enquanto os alunos da turma de nono ano atuavam em processos que atrapalhavam a relação pedagógica. Nesse trabalho, a autora destacou ainda que havia uma relação distinta entre professores e alunos que apresentavam determinadas características, ou seja, alunos com perfil de menos indisciplinado recebiam dos professores maiores incentivos à vida acadêmica, no sentido de trabalho e

preparação para o futuro, enquanto aos alunos tidos como indisciplinados, a relação estava baseada em bom convívio e camaradagem.

Para Aquino (1996), a indisciplina escolar, atualmente, se diferencia sobremaneira daquela observada nas décadas anteriores, especialmente no que se refere às expressões e caráter da indisciplina. Segundo o autor não se trata apenas de uma evolução na intensidade das manifestações, mas uma apresentação que se mostra mais complexa e criativa, dificultando ao professor a resolução e conhecimento acerca da temática. Nesse sentido, se destaca a importância de que o profissional se mantenha firme e atualizado, a fim de que esteja preparado para lidar com os diferentes comportamentos indisciplinados que podem surgir em sala de aula.

2.1.2 Indisciplina e violência no Ensino Fundamental: espectros condicionantes da desorganização do trabalho docente

As dificuldades de aprendizagem ou desvios de comportamento têm sido identificadas pela literatura como uns dos principais motivadores de disfunções ou resultados negativos no processo de organização do trabalho escolar, quando se considera a conjuntura educacional, envolvendo, principalmente os relacionamentos entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-gestão. Esses aspectos não somente influenciam a relação física de aprendizagem como diminuem as possibilidades individuais de compreensão e interpretação do conteúdo trabalhado (SANTOS, 2016).

As discussões que envolvem indisciplina e violência escolar têm vindo à tona há décadas, diversos especialistas lutam para estabelecer causas que possam ser tratadas como fixas e alternativas que possam ser verdadeiramente efetivas e promissoras. Segundo alguns autores, há vertentes que dizem que a escola tem diminuído seu caráter formador e tem se tornado muito mais “deformadora”, uma vez que ainda nos tempos atuais, alguns professores prezam por um modelo de aula e de turma que seja constante, padronizado, com peças moldadas ao silêncio e à resposta pronta. Tais profissionais ainda não vislumbram métodos transformadores que estimulem a participação e o envolvimento da turma, de forma a envolver cada aluno com base em suas particularidades e

capacidades próprias. Esse tipo de estímulo positivo poderia canalizar a energia e a hiperatividade de muitos discentes, transformando a “rebeldia” em um aspecto positivo para o processo de aprendizagem (SGANZELLA, 2012).

Desde os primeiros anos de vida as crianças iniciam seu processo de formação intelectual, esse processo sofre uma série de influências do ambiente social e familiar, as quais vão interferir de maneira negativa ou não no desenvolvimento intelectual da criança e adolescente (BANDEIRA *et al.*, 2006). As dificuldades e problemas que surgem nesses primeiros anos de vida podem levar à modificações de conduta tanto de caráter externo, no que se refere ao relacionamento com outras pessoas, como de caráter interno, quando relativo às inquietações internas, neste caso podendo levar à transtornos de personalidade. Del Prette e Del Prette (2005) demonstram esse aspecto ao tratar dos transtornos psicológicos como sendo divididos em dois grupos, os de problemas externalizantes, que envolvem agressividade seja física ou verbal, condutas antissociais e comportamentos de risco e os problemas internalizantes, os quais estão diretamente associados à depressão, isolamento social, ansiedade e fobias.

Analisar esses transtornos psicológicos é fundamental para que se compreenda o problema com o qual se lida na turma, bem como para estabelecer ferramentas de intervenção. Identificar esses aspectos de maneira clara permitirá ao professor buscar auxílio junto a profissionais de outras áreas, no intuito de agir diretamente na causa do comportamento daquele aluno (RODRIGUES; DIAS; FREITAS, 2010).

Rodrigues, Dias e Freitas (2010) salientam ainda que “os comportamentos indesejáveis, como a conduta agressiva e a violação de regras, desenvolvem-se desde a primeira infância”. Diante disso, são aprendidos primeiramente no ambiente familiar e, então, poderão ser potencializados na escola, que atuaria também como fator de risco para as crianças. Durante a infância as crianças estão mais susceptíveis à estimulação, fato que será essencial na formação e desenvolvimento da criança em etapas posteriores. Dessa forma, atitudes que funcionem num sentido proativo e preventivo, desenvolvendo na criança habilidades sociais e habilidades de resolução de problemas interpessoais, poderão atuar sob um ponto de vista mais preventivo quanto aos aspectos comportamentais.

Atualmente no ambiente escolar há um elevado número de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Essa não aprendizagem pode atuar como uma das causas do fracasso escolar, neste caso, correspondendo a uma resposta insuficiente do aluno às exigências e demandas da escola. Essa realidade, amplamente presente no meio educacional, pode atuar no processo didático-pedagógico que havia sido planejado para a turma. Por muitas vezes, alunos com algum tipo de dificuldade em nível de aprendizagem, por não se sentirem plenamente participantes daquele processo, por não compreenderem o que lhes é transmitido, por não apresentarem características de coletividade desenvolvidas, acabam apresentando comportamentos de modificação da ordem da aula. É preciso ser cauteloso nos dias de hoje ao se classificar determinado comportamento como unicamente indisciplinado, uma vez que podem estar presentes necessidades especiais do aluno (ROZEK; SERRA, 2015).

Segundo Aquino (1998) o aluno designado como “problema”, em geral, é identificado como aquele que apresenta supostos “distúrbios psico/pedagógicos”, que podem ser tanto de caráter cognitivo (os distúrbios de aprendizagem), como de caráter comportamental, aqui se enquadrando uma série de ações nomeadamente tratadas como “Indisciplinadas”. O autor destaca então, que a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, uma vez que representariam dois lados da escola contemporânea, responsáveis pelo fracasso escolar.

Dessa forma, o processo de educação nas séries iniciais, especialmente no ensino fundamental, possui caráter desafiador para os profissionais desses períodos. A educação infantil é o primeiro ambiente escolar com o qual as crianças entram em contato de maneira mais veemente, é aqui onde o processo de aprendizagem se torna mais concreto. Nesse momento, há uma extensão das suas relações sociais e aquisição de noções de convivência com o coletivo baseadas em relações de valores, justiça e moralidade. Nessa primeira fase, as crianças, que estão no início de seu desenvolvimento social, da ampliação de suas relações, da convivência em coletividade e no ambiente escolar já precisam passar a compreender as noções de disciplina que lhe são apresentadas, nesse momento, também já se observa possíveis atos de indisciplina que poderão ser mantidos e até se engrandecer com o avançar da idade, com a falta de limites e,

especialmente, na fase de educação de nível fundamental onde esses casos podem se agravar e se tornar ainda mais problemáticos para o processo de aprendizagem do aluno (FRANZOLOSO, 2011).

Ferreira (2012) destaca em um de seus estudos que há uma confusão acerca da abordagem do tema violência e violência escolar. Segundo ele designar um tratamento diferenciado ao conceito de violência escolar acaba por estigmatizar um problema que não deve ser entendido como, exclusivamente, dos alunos no que se refere a atos indisciplinados, a comportamentos problemáticos ou ao conceito de indisciplina que, até então, foi apresentado neste trabalho, mas que é necessário observar que pode haver muito mais do que um desvio negativo de comportamento, pode estar oculto um processo discriminatório, baseado justamente na exclusão, seja de um aluno, seja de uma turma, ou de uma escola. Por vezes, antes mesmo de se vivenciar a realidade de um local, já se criam estigmas e preconceitos acerca daquele local por fatos que podem, até mesmo, ter sido isolados, mas mesmo assim, a própria localização já pode ser motivo para se “dar por perdida”, ou taxar a escola ou turma como “violenta”. Nesses casos, o cerne do problema não se encontra na turma em si, mas sim no olhar que a equipe acadêmica aponta para essa turma.

Já Garcia (1999) destaca em seu trabalho a compreensão de que é necessário superar a noção de indisciplina como sendo apenas uma questão de comportamento. De acordo com o autor:

(...) se a escola se preocupar somente em resolver ‘problemas de comportamento’ nunca chegará a ver a indisciplina resolvida. O ‘bom comportamento’ nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas adaptação aos esquemas da escola, simples conformidade ou mesmo apatia diante das circunstâncias.

Ao reforçar a compreensão e importância de tratar a temática com um olhar sempre crítico, os autores Oliveira; Caetano e Bonete (2014) realizaram um trabalho com duas turmas de alunos do ensino fundamental, consideradas indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. As turmas foram escolhidas a partir de indicações da direção das escolas e a metodologia utilizada envolveu coleta de dados por meio de entrevistas, as quais foram analisadas qualitativamente. Evidenciou-se nesse trabalho que o problema

da indisciplina estava realmente presente e se configurava como um obstáculo no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos ministrados, porém não se tratava de uma questão pouco explorada pela gestão e professores, todos declararam estar comprometidos e, constantemente, atuavam no sentido de modificar esse quadro.

Nota-se, então, que o tema da indisciplina escolar e suas vertentes tem se destacado em detrimento de sua importância no processo de aprendizagem e na forma como pode interferir na organização do trabalho docente, estando sempre associado a diversos aspectos, seja a questões referentes à afetividade e construção de laços familiares, seja a questão da ausência dos pais em sala de aula, seja sob a ótica do ambiente social no qual a turma e escola se inserem, ou mesmo o olhar que a docente designa a sua turma e/ou aos alunos que por ela são considerados indisciplinados. Todos são aspectos associados ao processo de aprendizagem e podem interferir negativamente no mesmo. Dessa forma, se ressalta a importância de se trabalhar a temática a fim de compreender de que forma e sob que olhares, verdadeiramente, se inserem o problema da indisciplina, a fim de, então, propor possíveis soluções e analisar seus resultados como forma de avaliar até que ponto tais intervenções podem ser necessárias e positivas.

Essa discussão acerca da temática da indisciplina ressalta a relevância do tema para o processo educacional. Trata-se de um assunto atual, com debate vasto e de grande importância para a sociedade, uma vez que levanta questões que permeiam não somente o comportamento individual do aluno, mas perpassam o campo social, econômico, familiar, escolar entre outras áreas.

2.2 CAMINHOS DA PESQUISA

2.2.1 A escola no contexto do processo

O presente trabalho surgiu a partir de observações realizadas na Escola Municipal Profa. Maria Mirtes da Silva Araújo, localizada em São José de Mipibu (RN), que atende alunos do 1º ao 5º anos do ensino fundamental, e atua nos turnos matutino e vespertino.

A partir de então, se fixou um diálogo com a professora da turma na qual se realizou o trabalho e a gestão da escola, em prol de uma possível melhoria desse ambiente, pautada na busca por respostas a certas questões, entre as quais: Quais motivos levavam a esse comportamento? Em que ambiente social estava inserida essa escola e seus alunos? Qual era o perfil dos alunos envolvidos? De que maneira amenizar a situação? Como envolver os familiares nesse processo, assim como toda a equipe escolar? Muitas questões foram levantadas a fim de se encontrar alternativas para a problemática.

Por se tratar de uma temática que envolve o comportamento dos indivíduos e de certa forma, seu comportamento social, se resolveu trabalhar a questão por meio de estratégias lúdicas e envolventes, a fim de impulsionar um diálogo mais aberto e reflexivo entre pais e equipe. A ideia de trabalhar com os pais surgiu a partir da observação de uma turma de 3º ano do ensino fundamental da referida escola, a qual foi foco de trabalho de uma turma de estágio do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 2013. Nesse período, enquanto se realizava observação *in locu* da turma, e através de conversas com a docente, notou-se que os pais dos alunos não demonstravam envolvimento com o ambiente escolar, nem mesmo com a professora. Muitos não sabiam quem dava aula a seus filhos e essa falta de proximidade entre pais e docente foi pontuada como um aspecto a se trabalhar, visto que a aproximação dos pais poderia gerar um ambiente mais familiar e afetivo, baseado em relações de confiança e proximidade.

Nesse intuito, a ideia inicial foi de se trabalhar com palestras e oficinas, a fim de se trazer um aspecto reflexivo com resultados pautados na resposta dos pais às dinâmicas trabalhadas. A priori, se propôs a realização de uma palestra e

duas oficinas com os pais e professora da turma, as quais trouxeram a tona reflexões acerca da importância da afetividade e do respeito um com o outro, seja esse outro um colega de classe, um colega de trabalho (no caso os profissionais da escola) e, principalmente, acerca da relação que deve existir entre os pais e profissionais da escola, uma vez que, em um ambiente adequado, a aprendizagem no seu sentido mais completo, é muito mais prazerosa e significativa, quando todos os envolvidos participam do processo.

Diante desses aspectos, foi possível chegar à questão “problema”: Que importância ganha a afetividade como um recurso a ser priorizado na formação escolar cidadã de estudantes de uma escola pública do ensino fundamental?

A partir das análises e do diálogo (direção-estagiário) foi se construindo o momento no qual se daria a culminância de discussão da temática. Foi organizada, então, uma noite com palestra e oficinas para toda a comunidade escolar, a fim de se trabalhar a questão do afeto e de se pensar em maneiras de construir um ambiente escolar mais salutar para todos.

2.2.2 O vínculo com a escola

A frequência ao estágio, como estagiário da escola, se dava duas vezes por semana. O estágio acadêmico foi realizado no segundo semestre de 2013. Na época, a partir de um acompanhamento realizado com a equipe gestora da escola, e de uma convivência frequente com alunos e professora de uma turma de 3º ano (com média de 9 anos de idade), foi possível identificar algumas questões que interferiam no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido naquele espaço-tempo. A principal interferência observada se relacionava a problemática da indisciplina escolar, no seu conceito mais comumente utilizado de alteração de uma rotina pedagógica pré-estabelecida.

A partir de um olhar crítico e de conversas com a diretoria da escola, foi reafirmada a necessidade de se tratar do tema da indisciplina pautada nas relações de afeto naquele ambiente. Isso porque, as reclamações por parte da professora da referida turma, acerca do comportamento dos alunos eram constantes. A partir da colocação da profissional foi realizado um trabalho mais profundo de triagem desse comportamento, *in locu*, onde foi possível observar

“inquietação” por parte dos estudantes em sala de aula, “excesso de termos grosseiros” e “falta de uma socialização mais afetiva”. Esses aspectos eram vistos não só pelos professores, como pela direção, como um complexo de atitudes pautadas na indisciplina.

2.2.3 Organização funcional do ambiente escolar

Localizada no bairro Centro de São José de Mipibu (município adjacente à capital do estado do RN) a escola é organizada no formato ensino regular, com pré-escola de meio período, ensino regular fundamental, anos iniciais, meio período. Estão nos seus níveis de ensino as etapas de educação infantil (pré-escola) e ensino fundamental (anos iniciais). O trabalho desenvolvido se deu especificamente com uma turma de 34 alunos.

No que se refere à sua estrutura física, à época do estágio, a escola não possuía biblioteca, não era acessível às pessoas com deficiências, assim como não apresentava laboratórios, sala de leitura, quadra de esporte, sala de atendimento especial, computadores e internet. Está localizada em região urbana, apresentava 8 salas de aula, 25 funcionários, sala de diretoria, cozinha, banheiro e pátio descoberto.

2.2.4 A participação da equipe escolar envolvida

A partir dos relatos e da observação das necessidades expostas pela gestão da instituição em questão, foi utilizado um tempo fixo para a realização das atividades, no dia (21/10/2013) e horário (19h às 21h) estabelecidos.

Para tanto, a realização dessas atividades se deu em uma divisão de dois momentos:

1º MOMENTO: Palestra direcionada para toda comunidade escolar, abordando a temática da “afetividade e valores”.

Esta atividade foi ministrada pelo grupo de estagiários formado por 3 alunos do curso de Pedagogia, que realizaram o trabalho na escola em questão. Buscando um maior entendimento e o melhoramento do respeito social da escola, foi realizada uma conversa com os pais acerca da necessidade de participação mais ativa dos mesmos no âmbito escolar, bem como na formação intelectual de seus filhos. Procurou-se tratar, ainda, da importância dos valores para o ganho significativo na vida tanto dentro como fora da escola.

2º MOMENTO: Oficinas

Neste momento, o grupo composto por 15 mães e 4 responsáveis (também do sexo feminino), totalizando 19 pessoas, foi dividido em dois grupos menores e encaminhados a salas diferentes para que participassem das dinâmicas planejadas.

As dinâmicas utilizadas foram:

Dinâmica 1- ONDE ESTÁ MEU FILHO?

Objetivos:

- Aperfeiçoar o relacionamento da comunidade escolar entre si;
- Permitir o (re) conhecimento do educador;
- Estimular uma convivência afetuosa entre pais e funcionários da escola.

Material: Balões e canetas.

Metodologia da dinâmica realizada no dia:

- Cada pai/mãe deveria encher um balão colorido e desenhar nele o seu filho. Uns desenharam o corpo inteiro e outros o rosto, alguns escreveram o nome da criança;
- Todos ficaram em círculo e, aos comandos da professora, foram tocando no balão:
- “Segurem com carinho seu filho...”;

- “Agora toque levemente para cima... Ele está começando a sair de casa... Está indo pra escola”;
- “Agora toquem um pouquinho mais forte, ele vai sair com a tia...”;
- “Isso, agora um pouquinho mais forte, ele está indo dormir fora pela primeira vez...”;
- “Agora com mais força... Eles estão indo pra primeira colônia de férias... (pensa a reação!)”;
- “Mais forte, deixem ir bem longe, pois agora estão indo pra praia com a madrinha... (dá pra ver uma linha inexistente entre os pais e seus balões)”;
- “Tente não perdê-lo de vista, mas toque o mais forte que puder e não saia do seu lugar pegue o balão que estiver perto de você...”;
- “Ei, onde está seu filho? Você conhece a pessoa que o está segurando agora?”.

Após a realização da dinâmica o grupo foi estimulado a discutir acerca de suas percepções sobre o significado da atividade. As percepções e diálogos desenvolvidos são trazidos nos resultados do trabalho. E, a partir de então, foi possível propor reflexões.

Dinâmica 2 - TRABALHANDO JUNTOS

Objetivos:

- Reconhecer o trabalho realizado pelo professor, bem como a necessidade de cooperação e envolvimento dos pais.

Material: balões e canetas.

Metodologia:

- Os pais foram estimulados a fazer um círculo segurando seus balões, nos quais desenharam o rosto de seus filhos;
- A professora foi posicionada no centro do círculo;

- Um participante da reunião foi convidado a ser o ajudante na dinâmica;
- Ao sinal, todos começaram a jogar os balões para cima, sem desmanchar o círculo;
- O ajudante foi tocando um pai de cada vez e este foi sentando e deixando o balão na brincadeira;
- Todos deviam se esforçar para que nenhum balão caísse no chão;
- A professora, continuava no meio tentando, em vão, manter os balões no ar...

Durante a atividade e ao término da mesma foi possível também observar e discutir com os familiares acerca de pontos importantes no processo de relação entre professor-responsável. Foi, então, estimulada uma discussão acerca das observações feitas e uma posterior reflexão envolvendo a resposta aos objetivos da atividade. Nesse momento, familiares e a professora da turma, foram estimulados a declarar suas impressões acerca das oficinas, acerca de seus pensamentos, preocupações, sobre o que compreenderam com a atividade e se viam a necessidade de uma mudança de pensamento e comportamento.

Além desses aspectos, durante o período de estágio foi possível coletar alguns dados que serviram como resultados e foram usados para comparações a respeito do comportamento dos envolvidos na problemática (pais, alunos, professora), ou seja, foram pensadas, entre os estagiários envolvidos, algumas possíveis questões relativas ao tema comportamento dos alunos em sala de aula, relação dos pais com a escola e relação desses aspectos com a indisciplina escolar. Esses questionamentos foram elaborados no período anterior à atividade realizada com os responsáveis e serviram, inclusive, como avaliação do trabalho desenvolvido. Essas perguntas foram respondidas nos períodos anterior e posterior à atividade desenvolvida, a partir das observações dos estagiários.

As questões elaboradas e respondidas no decorrer da pesquisa foram:

1° Qual o número de vezes que os pais costumam frequentar a escola e falar com a professora?

2° De que forma se comportam os alunos em sala de aula frente aos questionamentos e provocações apresentados pela professora? Nesse sentido,

em média, quantas vezes os alunos costumam demonstrar interesse, participação, questionamentos em sala de aula, em um dia de aula comum?

3° Quantas vezes geralmente os alunos são chamados atenção em sala de aula, em um dia de aula?

4° Qual é o número médio de vezes em que os alunos costumam apresentar respostas/comportamento (apresentados nos resultados) descritos pela professora como “negativos” em sala de aula?

Após a identificação desses questionamentos, as respostas foram obtidas por meio de observação da turma no período que antecedeu a atividade realizada com os pais (cerca de 1 mês de observação anterior) e no período posterior (cerca de 1 semana de observação posterior). Os resultados identificados serão apontados no decorrer do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como forma de compreensão da problemática da indisciplina encontrada na escola, através do acompanhamento de uma turma, foi realizado um trabalho com os pais, a fim de envolvê-los mais no processo educativo de seus filhos e no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que se estimulou a discussão acerca da necessidade do afeto no ambiente familiar, sendo este o início da formação do indivíduo e, portanto, onde, primeiramente, se deve estimular a criação dos vínculos afetivos e de respeito ao próximo. O trabalho realizado, já descrito no tópico “metodologia” permitiu obter expressões, reflexões e debates envolventes acerca da importância da presença dos pais enquanto estimuladores de uma relação afetuosa, baseada no respeito e na confiança designada pelos pais aos professores. Assim como, permitiu obter dados que conferiram valor quantitativo às análises e proposições realizadas, reafirmando a influência positiva do trabalho acerca da afetividade naquele ambiente, com aqueles atores.

A partir do trabalho realizado com os pais dos alunos e da própria atuação da professora da turma em questão foi possível observar algumas atitudes e comportamentos que geraram uma discussão e retorno positivo com relação aos alunos, no que se refere ao principal foco do problema deste trabalho – a

indisciplina em sala de aula e a falha nas relações de afeto, representada pela ausência dos pais e falta de interesse e participação dos mesmos na vida escolar dos filhos. Tal percepção foi possível, na medida em que após a realização das atividades, se manteve um trabalho de observação *in locu*, ainda no período de estágio, por cerca de uma semana. Essas observações foram direcionadas às respostas das questões desenvolvidas e envolviam uma análise generalista do comportamento dos alunos, da presença dos pais na escola e seu interesse pelo desenvolvimento escolar dos filhos e ainda, impressões pessoais da professora da turma acerca dos alunos e também dos pais.

Dessa forma, algumas categorias de análise foram observadas, descritas e organizadas no Quadro 01 a fim de melhor compreender as respostas obtidas a partir das atividades lúdicas realizadas com os pais e professora.

Observando-se o quadro 01 apresentado a seguir, nota-se que, entre as principais reações dos pais, durante e após o desenrolar das atividades realizadas, se concentrou a reflexão, uma vez que durante todo o tempo eles demonstravam um olhar atento acerca de suas falhas, especialmente declarando-as e debatendo com os demais pais. Outro aspecto que se atrelou à capacidade reflexiva foi, justamente, o autorreconhecimento dos problemas ou aspectos negativos, ou daquilo que consideravam como “deixando a desejar” na sua relação com seus filhos e com a escola. Esses dois aspectos foram primordiais em toda a discussão desenvolvida e foi unânime entre os pais. Todos refletiram sobre suas ausências na vida escolar de seus filhos, refletiram também acerca de seu comportamento e relacionamento com a professora, assim como analisaram a importância de conhecer e reconhecer o quão importante é o papel docente no processo de formação das crianças e jovens. Os pais participantes demonstraram ainda preocupação por perceberem que estavam segundo eles “sobrecarregando” a professora ao delegar a ela exclusivamente a função de formação de seus filhos, e isso poderia sim estar influenciando negativamente no comportamento afetivo dos mesmos em sala de aula.

Quadro 01

Distribuição das categorias de análise obtidas ao término da realização das atividades

CATEGORIAS DE ANÁLISE CONSTRUÍDAS		
PAIS	PROFESSORES	ALUNOS
Reflexão da conduta com os filhos	Participação na atividade	Maior envolvimento
Autorreconhecimento das falhas	Envolvimento na construção da atividade	Menos respostas negativas
Participação nas atividades	Aproximação com os pais	Diminuição da agressividade
Disposição para mudança de comportamento	Exposição de suas dificuldades	Maior participação
Envolvimento nas atividades	Disposição para o aprendizado	Comportamento mais afetuoso
Compreensão de necessidade de mudança e da importância do tema	Interesse em aproximar os pais das atividades escolares dos filhos	-
Presença mais frequente na escola	Melhora do relacionamento com os pais	-

Fonte: elaboração própria.

Nesse ponto, se reafirma uma questão anteriormente discutida, quando se abordou que não somente o ambiente social no qual o aluno está inserido pode ser considerado o principal fator construtor do comportamento desse aluno, não podendo ser tratado como fator condicionante e exclusivo, uma vez que as conclusões deste trabalho permitiram observar que, dentre outras, a principal causa do problema da indisciplina nessa turma se concentrava na ausência e no comportamento dos pais dos alunos.

Reis e Zanella (2008) em trabalho realizado com alunos da 3ª série de uma escola pública federal, também atendendo às queixas de uma professora acerca da indisciplina, realizaram observações em sala de aula e atividades, especificamente com os alunos e professora. Dentre os resultados obtidos pelos autores constatou-se, também, um processo reflexivo, de autorreconhecimento de

erros, onde tanto alunos, como professores se colocaram como os principais responsáveis pela situação e demonstraram consciência quanto ao seu papel na transformação e melhora do problema. Os resultados apresentados por esse trabalho confirmam o importante papel de realizar atividades provocativas, que estimulem a capacidade reflexiva dos envolvidos no processo, uma vez que a resolução do problema só pode ser efetiva se a mudança partir dos atores da situação.

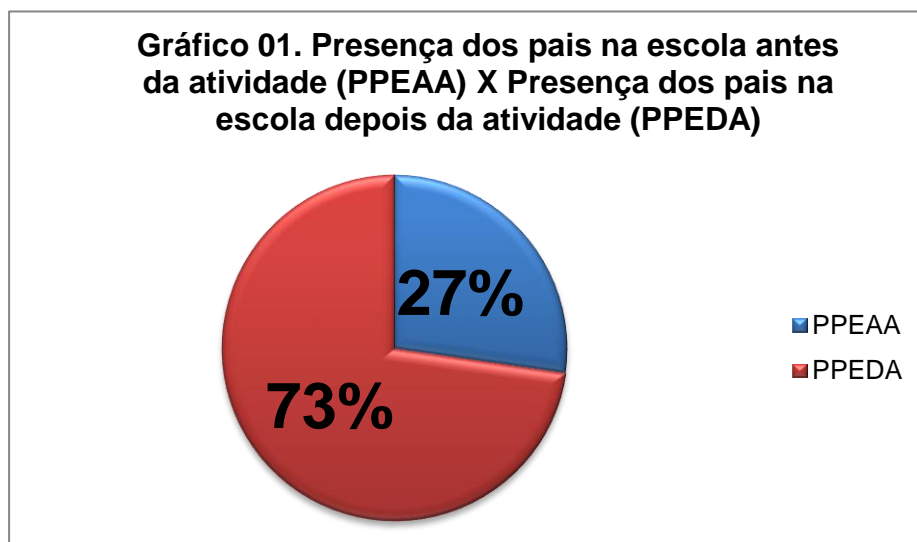
Além desses aspectos, outros pontos positivos podem ser destacados, a própria participação dos pais nas atividades já demonstrou um maior interesse destes pela evolução positiva de seus filhos, assim como a disposição e o envolvimento, foram aspectos também observados no decorrer das atividades realizadas. Outra característica observada na semana seguinte à realização das atividades e destacada pela professora se concentrou na frequência dos pais, nos dias seguintes, à escola. Essa maior frequência também representou melhorias nos resultados e relacionamentos dentro de sala de aula e entre os pais e a própria escola.

Com relação aos resultados obtidos, através da ação, com a professora envolvida, também trouxeram a tona reflexões e reconhecimento de suas atitudes frente ao problema observado. Tendo sido identificadas as seguintes reações: interesse e participação da atividade, envolvimento positivo nas ações, maior aproximação com os pais, havendo nesses momentos exposição de suas dificuldades, com total disposição para o aprendizado e demonstração de interesse em melhorar seu relacionamento com os pais. Nesse sentido, a docente não destacou caráter de autorreconhecimento de possíveis falhas, ou ausências em seu comportamento e forma de organização de seu trabalho em sala de aula. Para a profissional, o caráter pouco afetivo e “indisciplinado” dos alunos estava sim diretamente ligado à ausência das relações afetivas dos laços familiares, bem como ao próprio desinteresse dos pais pela rotina escolar de seus filhos, sendo o “peso” da formação dos filhos totalmente designado a professora. Para ela, essa seria a principal causa da indisciplina escolar em sua turma, e, portanto, um fator bastante interferente da organização de seu trabalho, enquanto docente.

Continuando a análise dos resultados, obtiveram-se como pontos positivos por parte dos alunos, no período pós-atividade com os pais: maior envolvimento

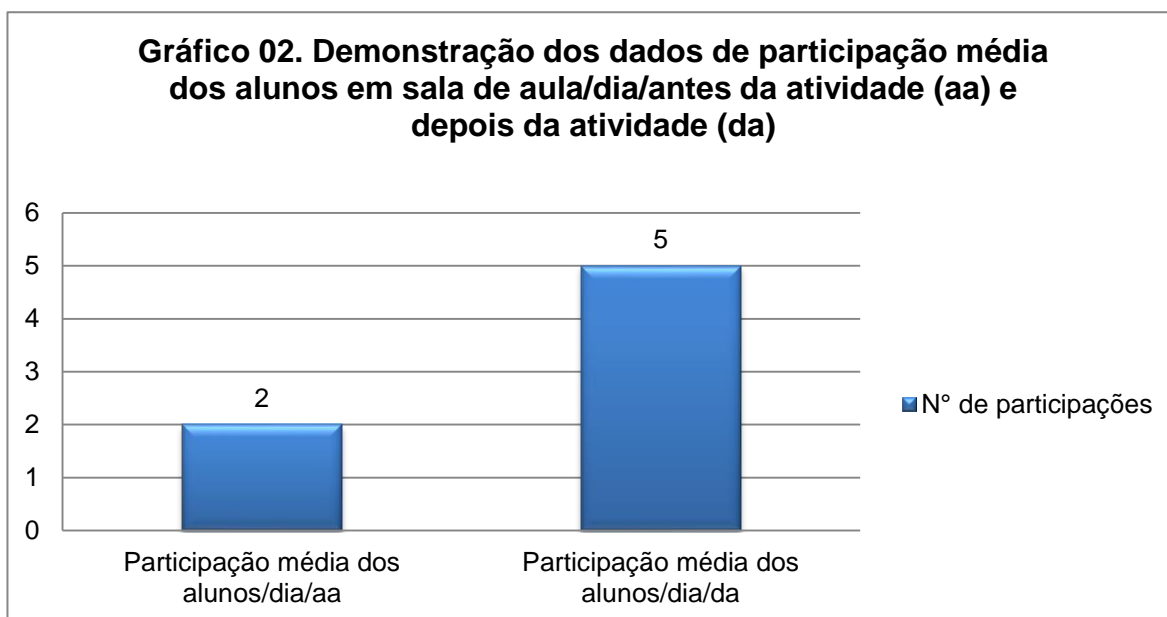
destes em sala de aula, menos respostas negativas no contexto da agressividade do diálogo, diminuição da agressividade física entre os alunos, maior envolvimento nas atividades de sala, e, segundo a professora, o aspecto mais positivamente notável e descrito por ela como sendo o de relevância mais significativa para se chegar à solução do problema, um comportamento mais afetuoso entre alunos, entre estes e a professora, bem como entre os mesmos e a equipe de gestão da escola.

Os gráficos abaixo demonstram a evolução positiva dessas respostas para os pais, professora e alunos, no período pré-atividade com os pais e professora e no período pós-atividade. Continuando a análise agora através das respostas às perguntas elaboradas, seguem gráficos com resumos dos dados analisados e suas respectivas discussões. Dessa forma, respondendo à primeira colocação apresentada (número de vezes que os pais costumam frequentar a escola e falar com a professora?), de acordo com anotações feitas no período do estágio, a participação dos pais dos alunos na turma trabalhada na escola antes da atividade realizada foi descrita pela professora como tendo uma média geral de 3 visitas mensais (0,75 por semana). Esse número subiu para uma média geral de 8 visitas mensais (2 visitas semanais).



Fonte: elaboração própria

Já o Gráfico 02 demonstra a evolução da participação dos alunos em sala de aula, respondendo a segunda pergunta realizada: De que forma se comportam os alunos em sala de aula frente aos questionamentos e provocações apresentados pela professora? Dessa forma, em média, quantas vezes os alunos costumam demonstrar interesse, participação, questionamentos em sala de aula, em um dia de aula comum?

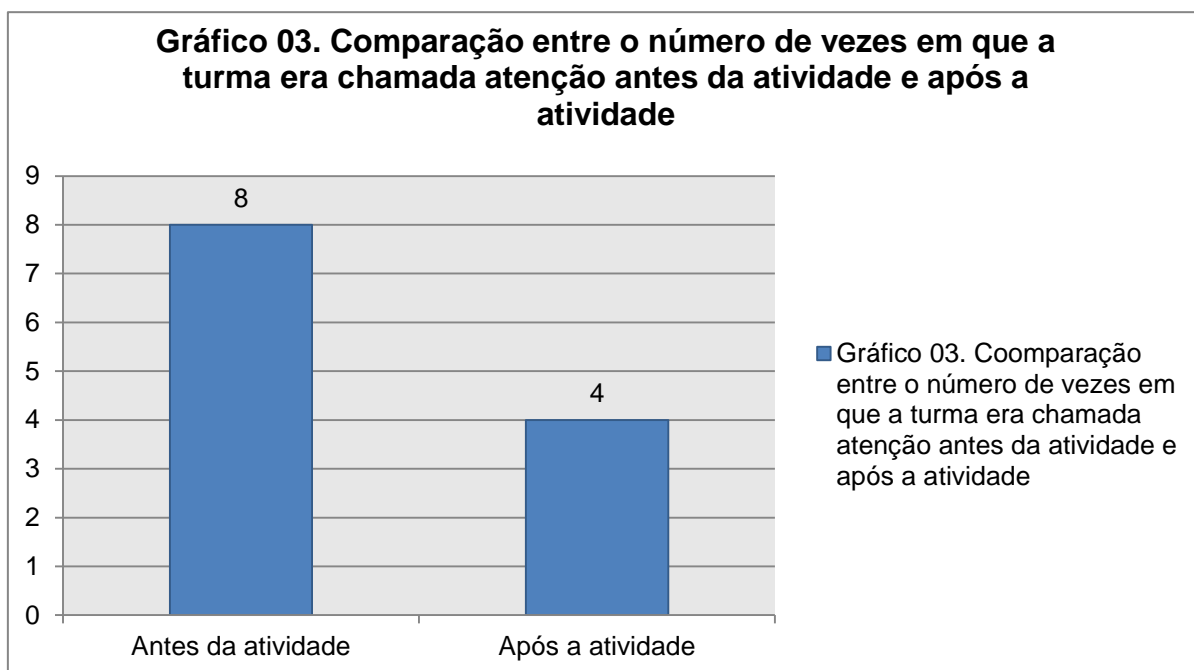


Fonte: elaboração própria.

O gráfico aponta que a participação média dos alunos, por dia, em sala de aula no período anterior às oficinas com os pais resumia-se a um valor simbólico de 2 vezes, seja para questionamentos referente ao conteúdo, seja para comentários quanto aos assuntos. Já no período posterior às oficinas, se observou uma melhora nesse número de participações, chegando a uma média de 5 participações, por dia, em sala de aula na turma. Analisando sob um olhar observacional a turma demonstrou estar mais participativa, interessada nos conteúdos ministrados e a própria professora, em consequência do comportamento da turma, se apresentou mais aberta, mais positiva, aspectos que associados resultaram em aulas com caráter muito mais produtivo e envolvente para as crianças.

O Gráfico 03 aponta o número médio de vezes em que a turma foi chamada a atenção durante uma aula nos períodos antes e depois da atividade com os pais. Esse gráfico demonstra claramente que, geralmente, os alunos da

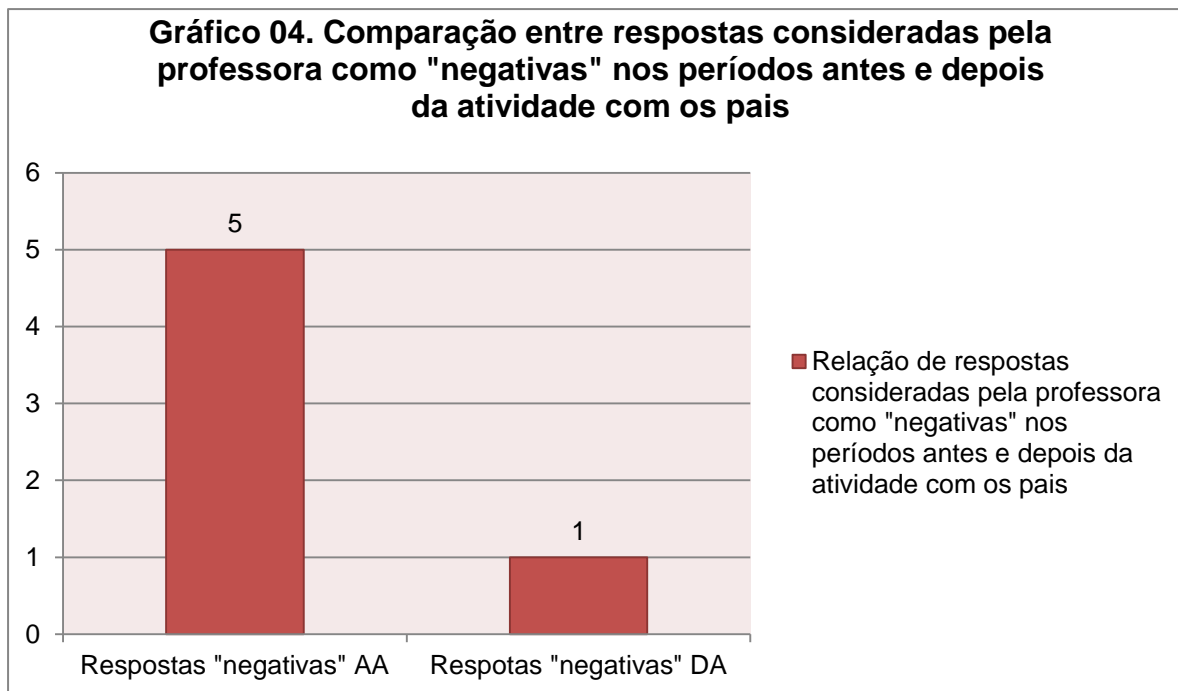
turma eram “chamados à atenção”, em média, 8 vezes por aula (dia), tendo este número diminuído para 4 vezes, representando uma redução de 50%, após a atividade com os pais e a maior participação destes no ambiente escolar.



Fonte: elaboração própria.

Já o Gráfico 04 demonstra o número de respostas negativas no período pré-atividade comparando-o ao período pós-atividade. Essas respostas foram apontadas pela professora, ou seja, foram consideradas de acordo com a percepção da docente, a qual apontou como “respostas negativas”, discussões entre os alunos, “desobediências” quanto ao comportamento (por exemplo, não se posicionar corretamente na carteira, se levantar quando não solicitado, responder à professora com palavras e termos grosseiros, falar “palavrões” em sala de aula, tratar a professora com grosseria e desafeto).

O resultado apresentado reflete um caráter realmente positivo frente ao trabalho realizado na turma, uma vez que todos os indicadores utilizados apresentaram melhoras quando comparados aos dados anteriores. As respostas negativas apresentadas no Gráfico 04 demonstram uma queda vertiginosa entre os dois momentos, indicando que houve uma melhora no comportamento dos alunos em sala de aula, ao menos no decorrer do período analisado.



Fonte: elaboração própria.

Apesar dos resultados positivos aqui demonstrados, é importante ressaltar que não somente a escola tem o papel de interferir nesse processo quando necessário. Autores como Conceição (2011) já apresentaram em seu trabalho, também realizado com crianças de escolas públicas de ensino fundamental e médio, acerca do fracasso escolar, que é papel essencial do Estado agir de modo a coibir ações negativas no âmbito escolar, seja por meio de políticas públicas mais atentas às problemáticas da educação brasileira, seja por meio de ações pontuais acerca de necessidades materiais e financeiras básicas para que a escola tenha ferramentas físicas e pessoais para desempenhar seu papel transformador na vida dos educandos.

Esses dados podem refletir uma série de considerações, desde a possibilidade de uma possível melhora no diálogo familiar, uma vez que os principais envolvidos nas atividades foram os pais dos alunos, até mesmo a uma mudança no comportamento da professora quanto a essa turma, uma vez que a percepção dela, aos poucos, foi se modificando e, com a presença dos pais, foi se tornando mais leve, transmitindo, inclusive, esta sensação para as aulas, ou até mesmo, pode se considerar que, também, sob o ponto de vista da influência familiar, os pais tenham atuado no sentido coibidor, optando pelo tratamento da

situação sob os moldes da pressão psicológica e imposição. Nesse contexto, muitas podem ser as causas diretas dessa mudança positiva no comportamento da turma, assim como também não é possível descrever a durabilidade desse comportamento após o término do estágio.

Outro ponto que deve ser levantado é a necessidade de que o ambiente escolar, ao vivenciar esse tipo de comportamento, seja capaz de ser atuante no sentido de tentar intervir. A depender do nível em que se encontra a problemática, tarefas relativamente simples como a ação aqui apresentada, podem refletir efeitos positivos, como os destacados nos resultados. A escola, normalmente, tenta aplicar medidas diversas e na maioria das vezes não está preparada para desempenhar esse papel. O que se percebe nesse contexto é a indecisão dos responsáveis ao tratar de casos de indisciplina, gerando até uma atuação que se confunde entre disciplina e autoritarismo, bem como entre autoritarismo e autoridade.

Diante disso, Martins (2009) destaca que a preocupação dos professores em tornar o ambiente de sala de aula disciplinado sem autoritarismo, confunde a ação do professor que diminui o papel de sua autoridade e de sua capacidade intelectual. A disciplina escolar é decorrente, não somente da organização curricular e do espaço da sala de aula, mas também do clima sócio-institucional, como foi possível observar nos resultados das atividades com os pais. Porém, segundo o autor, é importante acrescentar que, na maioria das vezes, os professores não possuem formação (inicial e continuada), nem estrutura, e tão pouco, preparo para minimizar e suprimir a indisciplina que surge em sala.

Mesmo diante dessas discussões e do reconhecimento da indisciplina como um problema real e interferente do processo educativo em sala de aula, alguns autores como Estrela (1992) destacam ainda que não se trata de uma condição capaz de ser modificada ou extinguida. A indisciplina surge no ambiente escolar tão, naturalmente, como o próprio processo pedagógico, sendo citada pela autora, inclusive, como uma parte do processo. Nesse sentido, o foco não seria, essencialmente, em acabar com o problema, mas sim em se saber trabalhar com ele e transformá-lo em uma ferramenta positiva no processo educativo.

Ao professor, cabe o importante trabalho de identificar sob que formas a indisciplina se apresenta em sala de aula, observar se, de fato, se trata de um comportamento indisciplinado ou se o aluno apresenta alguma dificuldade de aprendizagem, refletir ainda sobre o contexto sócio-familiar no qual os alunos se inserem e como esse pode interferir em suas atitudes e, especialmente, fazer uma auto-avaliação acerca do papel da escola e da sua própria atuação enquanto docente. Questionar-se sobre sua metodologia, sua relação com a turma, seu incentivo e empenho em desempenhar o seu trabalho. Todas essas são observações que devem fazer parte da análise de um professor que reconhece a importância de trabalhar a indisciplina, disciplina e relacionamentos sob um horizonte multifacetado, o qual poderá interferir negativamente em todo o processo de ensino-aprendizagem ou ser utilizado a favor do processo.

No trabalho realizado na escola Maria Mirtes um problema que perturbava a ordem e o processo de aprendizagem da turma, identificado pela professora como sendo indisciplina por parte dos alunos, pôde ser amenizado a partir de uma observação superficial acerca da ausência e pouca participação dos pais na escola, reforçando o importante papel da família não somente como expectadora do processo educacional em âmbito escolar, mas especialmente como atores participativos desse processo. Autores como Cavalcante (1998) aponta a importância de um bom relacionamento entre os pais e a escola, ao mesmo tempo em que discute acerca das principais dificuldades na construção desse processo de aproximação.

Neste caso, o trabalho feito, especificamente com os pais e professora, demonstrou ser uma alternativa possível para amenizar e melhorar o andamento do processo de aprendizagem em sala de aula, com respostas positivas que superaram as expectativas e demonstraram também o quão importante se faz o diálogo aberto entre escola e pais, um empenho maior em promover a aproximação constante e a relação destes com seus filhos no sentido de comunicação. Fica claro o importante papel de todos os envolvidos nesse processo.

Diante das discussões apresentadas neste trabalho e das análises realizadas é possível destacar a ideia trabalhada por Araújo (2002), de acordo com seu estudo, é preciso sugerir à escola que assuma seu papel “aglutinador de

saberes, desejos e sonhos”, visto que todos que fazem parte da comunidade escolar são responsáveis e coautores de suas ações. Somente um trabalho em equipe permitirá as transformações necessárias à criação de um espaço escolar além de democrático, acolhedor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos aspectos observados no decorrer da realização deste trabalho foi possível observar que a indisciplina no âmbito escolar é uma realidade bastante presente e interferente do processo de aprendizagem dos alunos. Embora ainda se apresentem diferentes abordagens para esse tema e para o próprio conceito de indisciplina escolar o que se sabe é que diferenças no comportamento de alunos em sala de aula devem ser observadas e uma resposta positiva, interativa e estimulante deve ser promovida.

Nesse sentido, foi possível observar que as dificuldades apontadas pela professora da turma de ensino fundamental acompanhada interferiam no processo de aprendizagem e desenvolvimento da turma, aspecto que foi identificado pela professora a qual se propôs a atuar junto aos pais, uma vez que, segundo ela, esse seria o principal fator interferente do comportamento afetivo de alguns alunos da turma que acabavam por influenciar os demais.

O trabalho realizado com esses pais, que foram convidados às oficinas e participaram, gerou uma série de resultados positivos, como pôde ser observado nos dados obtidos. Esse tipo de metodologia lúdica demonstrou ser uma ferramenta de aproximação entre pais e equipe escolar bastante positiva e, no caso dessa escola, apresentou uma participação significativa com resultados, a posteriori, também positivos, visto que muitas das reclamações declaradas pela professora e gestão da escola acerca de alunos apontados como “problemáticos” diminuíram.

Logo, observa-se que a realização deste trabalho permitiu compreender um pouco mais sobre a realidade da indisciplina em um ambiente escolar, em uma turma de ensino fundamental da rede pública, bem com identificar uma metodologia que conseguiu obter resultados positivos e aplicáveis que surtiram efeitos benéficos no comportamento e que permitiu articular o processo de aprendizagem da turma. Trabalhos posteriores, no entanto, podem enriquecer ainda mais essa discussão ao passo que tratem do tema sob uma ótica qualitativa, com um olhar metodológico mais longo e uma discussão mais aprofundada.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. A desordem da relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: _____(org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 8ª ed. São paulo: Summus, p.39-55, 1996.
- AQUINO, J. G. A Indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, São Paulo, jul./dez., 1998.
- ARAÚJO, U. 2002. Disciplina, indisciplina e complexidade do cotidiano escolar. *In*: M.K. OLIVEIRA; D.T. SOUZA; T.C. REGO (orgs.), **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo, Moderna, p. 215-232.
- ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf>> (2005). Acesso em: 12 de junho de 2017.
- BANDEIRA, M.; ROCHA, S. S.; SOUZA, T. M. P.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, Natal, mai./ago., 2006.
- BARBOSA, F. A. L. **Indisciplina escolar: diferentes olhares teóricos**. IX Congresso Nacional de Educação, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Pontifícia Universidade Católica, Paraná, out., 2009.
- BRITTO, A. C. O. **Indisciplina na sala de aula: contribuições da análise do comportamento**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Unisaesiano, Lins, SP, 2013.
- CARVALHO, F. S. A importância da afetividade docente, para o desenvolvimento cognitivo de crianças da educação infantil, de uma escola particular da R. A do Paranoá DF. **Centro Científico Conhecer**, Goiânia, Enciclopédia Biosfera, n.7, 2009.
- CAVALCANTE, R. S. C. Colaboração entre Pais e Escola: educação abrangente. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, n. 2, Campinas, 1998.
- CONCEIÇÃO, M. C. O fracasso escolar nas escolas da rede pública estadual de ensino da cidade operária. **Revista Pesquisa em Foco: educação e filosofia**, v.4, n. 4, ano 4, jul., 2011.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ESTRELA, M. T. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Sala de Aula**. Ed. 3, Porto: Porto Editora, 1992.
- FRANZOLOSO, M. R. **Existe indisciplina na Educação Infantil?** X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 7 a 10 de novembro, 2011.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba, Positivo, p. 2120, 2004.

- FERREIRA, A. L. Violência e paz na escola: estigma e problemas de entendimento, In: ANDRADE, F. C. B. **Escola faces da violência faces da paz**. Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, PB, 2012.
- GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr., 1999.
- GARCIA, J. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **Educação Temática Digital**, v. 8, n. 1, p. 124-132, 2006.
- GEQUELIN, J.; CARVALHO, M. C. N. Escola e comportamento antissocial. **Ciências e Cognição**, v. 11, p. 132-142, 2007.
- GOLBA, M. A. M. Os motivos da indisciplina na escola: a perspectiva dos alunos. **Anais do IX Congresso Nacional de educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 26 a 29 out. 2009 – PUC-PR. p.9832 a 9842.
- JORGE, S. R. M.; TIGRE, M. G. E. S. **Indisciplina, incivilidade e violência na escola: causas, conceitos e possibilidades de enfrentamento**. Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná, Brasil, 2007.
- LOBATO, V. S. **Concepções de professores sobre questões relacionadas à violência na escola**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29., 2006, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT20-1739--Int.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- LONGAREZI, A. M. **Os sentidos da indisciplina na escola: concepções de professores, equipe técnica e alunos das séries finais do Ensino Fundamental**. 2001. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2001.
- LUCIANO, E. A. S. **Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno**. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ribeirão Preto, 2006.
- MARTINS, E. C. No cenário da escola (re) vemos a disciplina versus indisciplina escolar. **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, v. 1, n. 8, 2009.
- MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- NAIFF, L. A. M. Indisciplina e violência na escola: reflexões no (do) cotidiano. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 110-116, mai./ago., 2009.
- OLIVEIRA, M. I. Fatores psicossociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. **Linhas Críticas**, Revista semestral da faculdade de Educação, UnB, 2002.
- OLIVEIRA, J. L.; CAETANO, J. J.; BONETE, I. P. **Indisciplina na Escola: investigando as aulas de matemática**. XII Encontro Paranaense de Educação Matemática, Campo Mourão, 2014.

- PAPPA, J. S. **A (in)disciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental**. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.
- REIS, A. C.; ZANELLA, A. Indisciplina e intervenção psicológica em sala de aula: relato de experiência. **Cadernos de Psicopedagogia**, n. 7, n. 12, São Paulo, 2008.
- RODRIGUES, M. C.; DIAS, J. P.; FREITAS, M. F. R. L. Resolução de problemas interpessoais: promovendo o desenvolvimento sociocognitivo na escola. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 831-839, out./dez., 2010.
- ROZEK, M.; SERRA, R. G. Dificuldades de aprendizagem e problemas emocionais: reflexões sobre a necessidade de uma proposta de formação docente. **Revista Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 167-184, jan./jun., 2015.
- SANTOS, E. R.; ROSSO, A. J. A indisciplina escolar nas representações sociais de professores paranaenses. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 34, p.127-157, 2012.
- SANTOS, H. C. A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento. **Revista Estácio Científica**. N. 15, Juiz de Fora, jan./jun., 2016.
- SGANZELLA, N. C. M.; O ambiente escolar e a indisciplina no ensino fundamental. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência – REEC**. v.2, n. 1, p.44-53, mar., 2012.
- STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010.
- VASCONCELLOS, C. S. **Os desafios da Indisciplina em sala de aula e na escola**. p. 227-252, 1997.